

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

| | | |
|---|--|---|
| REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa | DIRECTOR BRANCO RODRIGUES | PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis |
|---|--|---|

NOTAS SOBRE O ENSINO DO PIANO AOS CEGOS

O pae de uma criança com vista disse-me: «Meu filho já gosta da musica, canta facilmente, e querendo fazer delle um musico, quando é preciso começar o ensino?»

Percebendo que esta criança annuncia qualidades physicas favoraveis, respondi sem hesitar: «Em breve, aos sete annos. Dirigido por excellentes professores, que não faltam, estou persuadido que aos 22 ou 23 annos a sua educação musical será completa e o seu futuro seguro».

Os alumnos cegos dos Institutos especiaes estão em condições inteiramente differentes: não são crianças escolhidas sempre com vocação para a musica; seus paes, a maior parte das vezes, não tem os recursos necessarios; a constituição physica das crianças é muitas vezes mais ou menos defeituosa.

Deve-se proceder de maneira que se aproveitem os annos em que as crianças podem fazer mais progressos no menor tempo possivel, para não prolongar a duração dos estudos, o que seria muito oneroso porque a educação musical é muito cara, a fim de poder tornar extensivo o beneficio da educação a um maior numero, sem aumento de despesa.

Está averiguado, desde ha sessenta annos, que, em França, é no estudo da musica que um cego pode esperar encontrar uma carreira, um emprego lucrativo; encontrará, sem duvida, numerosas difficuldades, mas, com talento e energia, a maior parte das vezes triunfará.

Por isso ha razão de tentar formar um grande numero de musicos: pianistas, professores, afinadores de piano e organistas.

Todavia, em diversas epochas, esta ideia tem sido combatida, e disse-se: «Fazem-se musicos de mais, deviam-se educar só os melhores; vale mais a pena fazer dos cegos operarios».

Mas sabe-se quão pouco rendem aos cegos os trabalhos mannaes que estão ao seu alcance, trabalhos já mal retribuidos quando são feitos pelos operarios que tem vista.

Por isso encontram-se frequentemente operarios que, tendo aprendido alguma musica, tiram ainda assim melhor partido da pouca musica que sabem do que do seu officio.

Os estudos de orgão e de musica religiosa constituem, todavia, hoje, «a melhor profissão» para os cegos.

Ouvimos, em 1865, ao director de uma escola de cegos dizer nos exames especiaes de musica: «Vós fazeis demasiados pianistas, afinadores isto é moda. . . , de aqui a dez annos não se tocará já piano!» A profecia tarda muito a cumprir-se. . . Continuemos, pois, a formar pianistas.

É bom começar a ensinar o piano desde a entrada do discipulo na escola, ainda que elle mostre ter pouca intelligencia.

Começando tarde não terá já a flexibilidade necessaria das mãos, e na idade de 11 annos pode fazer muitos progressos em pouco tempo.

As noções de solfejos mais rudimentares são para elle sufficientes; o professor ensinando-lhe bom numero de exercicios uteis, faz-lhe conhecer a disposição do teclado e algumas noções que ajudam muito no estudo de solfejo (o calculo dos intervallos, a formação das escalas, etc., são muito faceis quando se conhece o teclado theoricamente).

Ao fim de dois annos pode saber-se geralmente o que ha a esperar da vocação do discipulo.

Se ha duvida, deve-se submeter o alumno ao exame especial deante do director e de todos os professores de musica.

Acontece muitas vezes que alguns alumnos que não mostram vocação para a musica soffrem uma transformação, um desenvolvimento por vezes muito feliz que lhes permite adquirir conhecimentos mais do que sufficientes.

Nós conhecemos um discipulo, que não tinha vocação para a musica, que mais tarde, por diversas circumstancias, achou meio de utilizar o seu pouco

saber prestando serviço a uma parochia no campo, tocando harmonium e fazendo as vezes de cantor, etc. Não é o unico caso.

Digo de passagem que seria excellente, nas classes de solfejo, servirem-se de livros de cantochão mesmo com palavras; as difficuldades que ali se encontram são boas de vencer, e a facilidade adquirida pode ser utilizada mais tarde por um certo numero de discipulos.

Os que mostram intelligencia e pouco ouvido devem evidentemente ser conduzidos pelo raciocinio; para aquelles, ao contrario, que mostram ter vocação musical e uma intelligencia limitada, devem dar-se-lhes exemplos e modelos que, lisonjeando o gosto musical, desenvolverão o saber e o mecanismo; assim, poder-se-hão aproveitar diversas naturezas, por vezes defeituosas, e levá-las a um resultado mais ou menos satisfatorio.

Em todo o caso, só raras vezes se deve renunciar ensinar a um discipulo cego a musica. O orgão não exige um mecanismo tão desenvolvido como o piano, por isso tem-se visto alumnos que não eram senão pianistas mediocres, tornarem-se muito bons organistas.

Como é preciso formar o discipulo de piano para o levar a um resultado pronto e seguro?

Terá em geral memoria, sobretudo quando for bem exercitada; mas, por mais que se faça, o cego não poderá reter na memoria senão um numero restricto de obras comparativamente ao que tem vista, que só tem que ler a musica para a poder executar.

Por isso emquanto se repete a este ultimo: «lêde muita musica», diz-se ao cego: «aprendei o que puderdes, mas sobretudo que a escolha seja bem feita, a fim de não aprenderdes nada de inutil».

Alguns exercicios sobre todas as difficuldades são necessarios.

Não é preciso aprender muitas escalas, mas estas devem ser estudadas com cuidado, de differentes rythmos e de todos os movimentos.

Devem-se ensinar dois ou tres estudos graduados acêrca das difficuldades principaes do piano; no fim de um certo tempo devem-se mandar recordar, se estiverem esquecidos; este segundo e mesmo terceiro trabalho, feito por intervallos separados, pode ser muito proveitoso, mesmo ainda mais do que aprender novas peças estudadas menos facilmente.

O maior merecimento, talvez, do professor é saber escolher e graduar o pequeno numero relativo de trechos que o discipulo tem que aprender no seu curso, e incentivar-lhe a boa maneira de estudar.

O discipulo passa pouco tempo na lição, mas no seu estudo de piano podem fazer-se ou não muitos progressos, segundo o methodo de estudo.

Depois dos trabalhos de Lemoine, Kalkbrenner, Marmontel, Le Couppey e muitos outros, sabe-se hoje fazer um pianista com vista, tão seguramente, como se fabrica uma machina com os materiaes precisos.

O professor cego tem muito a aprender nos conselhos destes mestres, mas tem tambem muito de superfluo que demoraria o adeantamento do discipulo cego, o qual não pode aprender de cor tudo o que o vidente pode ler.

Diremos de passagem que as edições modernas dos classicos teem vantagens e inconvenientes.

Encontra-se nos alumnos, quasi sempre, uma relutancia notavel: 1.º, a repetir os trechos e estudos precedentemente aprendidos; 2.º, a aprender, quando tem attingido uns certos conhecimentos, os *andantes* ou peças relativamente faceis; o que, todavia, é indispensavel para adquirir uma perfeição, relativa pelo menos, de jogo, de sentimento, de igualdade e de modificação do som.

Tenho visto discipulos tocarem muito bem trechos de grande difficuldade, e quando se lhes manda tocar um trecho facil, desempenharem-se mediocrementemente.

É preciso insistir muito para fazer repetir e aperfeiçoar tudo o que se aprendeu, porque cousa alguma deve ter sido inutil na escolha; e é o unico meio para que um pianista chegue a ter um repertorio sufficientemente variado, de musica classica e de musica de genero.

Vi muitas vezes discipulos não poderem tocar senão o trecho que acabavam de aprender; isto é absolutamente deploravel, tanto mais que, depois de sairem da escola, aprendem um trecho ou outro, mas musica raras vezes tornam a aprender.

No sexto ou setimo anno de estudo, o discipulo deve ter adquirido a sua força de mecanismo e ter conhecimento de todas as difficuldades.

Nos dois ultimos annos deverá principalmente aperfeiçoar-se, tocar artisticamente os seus trechos, se puder.

Um ponto que não está no programma dos estudos, mas que tem uma seria importancia para o futuro dos discipulos cegos, consiste em fornecer-lhes algumas indicações especiaes para as lições que derem quando forem chamados para ensinar pessoas que teem vista.

OS CEGOS ADULTOS NOS ESTADOS-UNIDOS

O recenseamento dos Estados-Unidos, no anno de 1890, mostrou que o numero dos cegos que ali existiam nessa data era de 50:411.

Podemos suppor que 20 a 25 por cento daquelles que são classificados como cegos perderam a vista antes da idade de 21 annos; isto é, que 10 a 13:000 são ainda menores ou são cegos de nascença ou de infancia.

É preciso, pois, dividir em duas classes as pessoas atacadas de cegueira: as que o foram antes da idade avançada e as que perderam a vista mais tarde.

Calculando que as primeiras receberam uma educação regular nos numerosos institutos daquelle pais, podemos calcular que ha actualmente nos Estados-Unidos cêrca de 5:000 adultos que foram convenientemente preparados para a luta da vida.

Resulta tambem disso que os restantes cegos foram privados de educação especial de que tinham necessidade.

Estes algarismos são assaz exactos, assim o creio, e por conseguinte, a questão que se apresenta é esta:

O que é que a civilização do seculo XIX fez a favor dos cegos?

Conhecemos a questão, comprehendemos o que é a cegueira?

São naturalmente os professores de cegos que devem esclarecer esta questão.

Ora, se elles são na maior parte zelosos, serios e se interessam vivamente pelos seus discipulos, estão occupados com a rotina dos seus deveres quotidianos e teem pouco tempo para se occuparem de questões philanthropicas.

O seu interesse é principalmente concentrado nos alumnos de suas escolas; mas aqui mesmo as suas numerosas occupações não lhes permitem pensar numa organização systematica, tão necessaria para o bom exito do ensino.

Em varios Estados os Directores dos Institutos teem trabalhado para fazer estabelecer officinas ou «casas» industriaes; mas estas instituições tiveram mais em vista assegurar a occupação aos seus alumnos, do que vir em auxilio da generalidade dos cegos.

É, pois, tempo que cada Estado se occupe de uma organização para o elhoramento da condição dos cegos adultos.

Era preciso confiar esta obra a cegos, homens ou mulheres, intelligentes e energicos e que teriam ao mesmo tempo a vigilancia dos alumnos.

Um pequeno soccorro dado a tempo, uma palavra de incitamento, uma carta de introduccão, mesmo um emprestimo temporario de dinheiro, podem muitas vezes dar bom resultado.

Isto applica-se não somente para os operarios mas tambem para os professores de musica, afinadores, etc.

Alem destes, a Obra deveria interessar-se por aquelles que perderam a vista numa idade mais avançada; era preciso criar-lhes uma biblioteca de livros em relevo, e mandar os professores visitá-los aos seus domicilios.

Tenho affirmado muitas vezes que ha poucas occupações que conveem aos que tem vista, ás quaes se não possam dedicar os cegos.

A Obra deveria ter sob a sua direcção uma pequena officina em que os homens válidos de 20 a 40 annos aprendessem algum officio, e, uma vez feita a sua aprendizagem, voltassem para suas casas ou se estabelecessem na localidade onde pudessem encontrar venda dos seus productos.

Esta ideia não será approvada por aquelles que preconizam as «casas» industriaes para os cegos.

A experiencia prova, com effeito, que, no primeiro systema, os operarios intelligentes e energicos tiram excellent resultado, enquanto os outros nada conseguem.

Estas «casas» são raras vezes estabelecidas de uma maneira duravel, se não forem auxiliados pelo Estado e pela caridade.

Se o dinheiro que se despende assim fosse empregado em supprir a falta de ganho dos menos habeis, o problema de fazer trabalhar os cegos adultos ficaria resolvido.

Ter-se-hia mais vantagem de supprimir, para elles, os inconvenientes da vida commum, e os trabalhadores individuaes não teriam provavelmente senão a ganhar pelo seu contacto com as pessoas que tem vista.

Com effeito, estou de ha muito convencido, por minha propria experiencia, que a separação é muito mais vantajosa que a agglomeração exclusiva dos cegos.

A questão que aqui se trata tem uma grande importancia, e quereria poder inspirar a pessoas intelligentes o desejo de a estudar em todas as suas particularidades.

A DACTYLOGRAPHIA

Não é sem razão que já ha muito tempo os typhlophilos se preoccupam com a questão da dactylographia, ou escrita mecanica, e do partido pratico que os cegos poderiam tirar della, como profissão.

Desgraçadamente o cego encontra o mesmo obstaculo que obstrue para elle tantos caminhos: o preconceito de que o cego não pode desempenhar o mesmo cargo que a pessoa que tem vista.

Não ha hoje industrial que não tenha nos seus escritorios uma ou varias machinas para escrever copias, memorias, circulares, duplicatas, etc.

Não ha talvez um só que consentisse em confiar o aparelho a um dactylographo cego. Aconteceria o mesmo se nos lembrassemos que a machina para escrever adoptada agora por tantos que teem vista, foi inventada primeiramente para os cegos, e que por isso se deveria admittir a aptidão destes para se servirem della de uma maneira satisfatoria?

A primeira machina de escrever, verdadeiramente pratica, foi com effeito construida em 1849 por Pedro Foucault, cego pensionista do Hospicio dos Quinze-Vingts. O seu modelo primitivo obteve a medalha de ouro na Exposição de Paris em 1849.

Uma segunda machina mais aperfeiçoada foi comprada por 500 francos pelo sr. Alvares de Azevedo, brasileiro cego, que a levou para o seu país.

O que é para admirar que os cegos sejam capazes de utilizar um instrumento inventado para elles e por um delles?

Porque é que o mesmo cego, que pode adquirir um conhecimento seguro do teclado de um piano, não se ha de poder familiarizar prontamente com o teclado de uma machina de escrever?

O ouvido guia-o no primeiro caso, objectar-se ha; mas não é menos verdade que ha no trabalho do musico uma parte mecanica que pode comparar-se á dactylographia. Por uma cousa que não está ainda feita concluímos logo que não pode fazer-se, e recuamos deante do exame leal e attento que nos convenceria do contrario.

Pois até hoje a escrita á machina tem sido empregada por alguns cegos intelligentes para a sua correspondencia particular, ou para certos trabalhos isolados, e não tem (salvo algumas excepções) dado entre nós resultados apreciaveis no ponto de vista que poderíamos chamar *commercial*.

Não acontece o mesmo entre os ingleses.

M. Stanisby, director do Instituto de Cegos de Birmingham, forneceu-nos os mais importantes pormenores acêrca do Escritorio de dactylographos cegos que elle estabeleceu naquella cidade.

A sua primeira ideia foi simplesmente formar um Instituto para alumnos dactylographos que seriam collocados no commercio.

Não tendo tido bom resultado esta ideia foi preciso procurar outra.

Imaginei, disse elle, criar um Escritorio de dactylographia no qual os cegos pudessem ser empregados a fazerem trabalhos para o publico.

A minha ideia foi posta em pratica; começámos modestamente a nossa Instituição.

Mais tarde alugámos uma casa no centro da cidade com todas as commodidades modernas necessarias para o trabalho, taes como: novos typos de phonographos, de telephones, e uma variedade escolhida dos typos, os mais novos, das machinas Remington; com o concurso de Miss Percy S. I. P. S. para a direcção desta secção, abrimos ao mesmo tempo uma escola de commercio, onde os estudantes com vista podem aprender a escrita á machina, a estenographia Pittmann e escrituração commercial.

É Miss Percy, naturalmente, quem ensina estas duas ultimas disciplinas, mas são os nossos cegos que ensinam a escrita á machina.

Não damos aos dactylographos trabalhos para executarem em sua casa. Empregamos os cegos no Escritorio sob a vigilancia immediata da directora, este methodo assegura a prontidão e a correcção dos trabalhos.

Emprehendemos tudo o que se pode fazer com o auxilio da machina de escrever: copia ordinaria de manuscritos, endereços, quadros, reproduções a lapis, duplicador ou lithographia, e enviamos mesmo os nossos estenographos para reproduzir discursos e sermões.

O nosso methodo de ditar a materia aos cegos consiste no emprego do phonographo e de uma estenographia Braille, que foi elaborada por nós mesmos.

Muitas vezes acontece acharmos mais rapido ditar a materia directamente ao cego, principalmente se a encommenda é com pressa ou se o cliente pede um grande numero de copias.

Para os endereços de enveloppes este systema é o melhor, visto que a pessoa que dita os nomes pode fazê-lo a dois ou a tres simultaneamente».